



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOSIVALDO EVANGELISTA MARTINS

**CASA GRANDE E SENZALA: UMA LEITURA SOBRE O PROCESSO DE
EROTIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS**

GUARABIRA-PB

2020

JOSVALDO EVANGELISTA MARTINS

**CASA GRANDE E SENZALA: UMA LEITURA SOBRE O PROCESSO DE
EROTIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Departamento do Curso de história da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em história.

Orientador: Prof. Me JAQUELINE GONÇALVES DE ARAÚJO

GUARABIRA-PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M379c Martins, Josivaldo Evangelista.
Casa grande e senzala [manuscrito] : uma leitura sobre o processo de erotização dos corpos negros / Josivaldo Evangelista Martins. - 2020.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2020.
"Orientação : Profa. Ma. Jaqueline Gonçalves de Araújo , Departamento de História - CH."
1. Corpos. 2. Gilberto Freyre. 3. Negros. 4. Racismo. I.
Título

21. ed. CDD 981

Josivaldo Evangelista Martins

**CASA GRANDE E SENZALA: UMA LEITURA SOBRE O PROCESSO DE
EROTIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a Coordenação
do Departamento do Curso de
história da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
história.

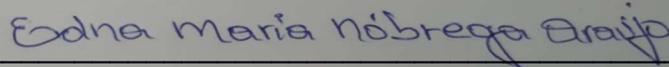
Aprovado em: 27/11/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. JAQUELINE GONÇALVES DE ARAÚJO (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Edna Nóbrega Araújo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Fernando Domingos de Aguiar Júnior

Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

RESUMO

O presente artigo é uma análise da obra, *Casa-Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, para tal nos ativemos como os corpos escravizados são contextualizados em sua obra, como esses corpos eram negociados, explorados em várias instâncias do domínio colonial, e principalmente a exploração sexual e erotização dos corpos. Tendo em vista as violências sofridas pelos corpos negros no período colonial do Brasil, partiremos da premissa que é necessário questionar o mito da democracia racial para só depois assim então poderemos pensar como os corpos negros foram significados por Freyre. Para entender esse processo buscamos diálogo com os trabalhos de (SCHWARCZ, 2018), (GOMES, 2019), (ALBUQUERQUE, 2006), e outros que se prontificou a tratar do tema.

Palavras-chave: corpos, Gilberto Freyre, negros e racismo.

Abstract

The present article is an analysis of the work, *Casa-Grande & Senzala* (1933), by Gilberto Freyre, for this we activate how enslaved bodies are contextualized in his work, how these bodies were negotiated, explored in various instances of colonial domination, and mainly the sexual exploitation and eroticization of the bodies. In view of the violence suffered by black bodies in the colonial period of Brazil, we will start from the premise that it is necessary to question the myth of racial democracy so that only then can we think about how black bodies were meant by Freyre. To understand this process we seek dialogue with the works of (SCHWARCZ, 2018), (GOMES, 2019), (ALBUQUERQUE, 2006), and others who were ready to address the issue.

Keywords: bodies, Gilberto Freyre, blacks and racism.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a meu pai Oxalá, pelas graças e objetivos alcançados, por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos meus pais Maria José e João Martins, pelo apoio incondicional, meus irmãos, Josenilda, Josélia, Jandelson, Cícera, Josinaldo, Cintia, aos meus sobrinhos, José Jefferson, Jardeli, João Vitor, Jonathan, Mariah e Gael, que estão sempre comigo, sempre incentivando nos momentos difíceis e compreendendo o meu esforço.

Aos meus amigos que estão sempre ao meu lado incentivando e que conhece a minha história e meu esforço.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

Professora Jaqueline Gonçalves de Araújo, por ter sido minha orientadora e com a maior paciência do mundo, fez da orientação o melhor de todos o aprendizado.

À instituição de ensino UEPB, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso, e a todos que fazem parte da instituição.

E a todas as pessoas que de uma alguma forma me ajudaram a acreditar em mim eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem elas não teria sido possível.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A viagem	11
3 Os corpos negros.....	17
4 Bestialidade dos corpos negros	25
5 Metáforas negras.....	28
Considerações finais	32
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

"O escuro das cores, na pele afro-descendente, herdeira
Das dores
Nossa terra foi invadida, colonizadores
Exploraram e destruíram nossos valores
Mas nossa resistência vive e toca em tambores"

(Kamau, Rincon Sapiência e Thalma de Freitas) - Tambor (2008)

O tambor citado no trecho é um instrumento de essência contido na música afro. Sendo um instrumento ativo em muitos eventos e rituais de diversas etnias. Os altos sons dos tambores anunciam aos ventos sua presença e chegada, assim como sua música é para ser ouvido longe! Ser capaz de ser ouvida por muitos. Os tambores são usados em muitas etnias como forma de comunicação. Kamau nos canta o período de retiradas dos africanos do seu lugar de origem, assim como o processo invasão e repressão nas mãos de senhores branco.

Os tambores na África têm simbolismo social, sendo usados em cerimônias de passagem, casamentos e funerais, e sua forma particular de comunicação social. É ao som e nas batidas que grupos acreditam que o tambor eleva ao despertar para a consciência de resistência e ajuda tornar o mundo melhor. Nesse contexto no Brasil não foi diferente até dias atuais os ritos embalados por esses tambores é símbolo de resistência, obstinação e cultura.

No Brasil, a cultura do negro ganha um novo olhar, tomando por referência diversos autores, dentre estes, Gilberto Freyre, nascido em Recife em 1900, tendo como obra principal, Casa-Grande & Senzala, lançada em 1933.

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso, nos referencia Casa-Grande & Senzala para compreensão do Brasil, mostrando que embora fosse uma obra muito criticada trata-se de um livro feito com contextos. Casa-Grande & Senzala têm seu enredo uma história extremamente polêmica e sexualizada, como Freyre sempre ressaltava que era preciso discutir a sexualização do Brasil, sendo uma inovação como é tratada a formação do Brasil. Casa-Grande

& Senzala tenta remontar uma realidade brasileira, tentando explicar o processo de escravização em um prisma culturalista.

A obra *Casa Grande e Senzala*, tem como característica fundamental uma originalidade tentando entender a formação social da família brasileira através do patriarcalismo. Freyre tem esse sentido de apontar para a influência da família como chave para organização social do Brasil colonial.

Freyre ressalta o domínio do homem branco no caso o português, que tinha como recurso dominador o uso de sua sexualidade que serviria até como recurso para aumentar a população escrava.

É através do encontro do português com o negro que se cria o mito da democracia social, apoiando-se no conceito de inter-relações harmoniosas.

Segundo Cardoso (2003) *Casa-Grande & Senzala* nos propõem que de alguma forma Gilberto Freyre nos faz fazer as pazes com o que somos. Uma vez que valorizou o negro. Chamou atenção para o regional. Reinterpretou a raça pela cultura e até pelo meio físico. Mostrou, com mais força de que todos, que a mestiçagem, o hibridismo, e mesmo (mistificação à parte) a plasticidade cultural da convivência entre contrários, não são apenas uma característica, mas uma vantagem do Brasil. No entanto, sabemos que Freyre cria essa imagem do Brasil com traços utópicos reproduzindo uma figura do negro como passíveis e condicentes. Fala de uma harmonização social, mas sempre que tem a oportunidade usa o termo “raça” para distinguir e distanciar um do outro. Um mito que se reproduziu em construções futuras. Freyre também cria uma forma de racismo docilizada incidindo na negação da crueldade e perversidade vivida pelos negros. O que nos leva acreditar de tais tentativas é quando ela classifica o português como “o menos cruel nas relações com os escravos”. (FREYRE, 2003, p. 265)

Os estudos de Gilberto Freyre propagam a ideia de uma democracia racial, uma teoria que nega a existência do racismo no Brasil. Essa suposta democracia é tratada como mito por suas ideologias que buscam demonstrar o vigor de uma suposta democracia plena que se ampliaria a todas as raças, no âmbito das desigualdades causadas pelo racismo no país, bem como as

compostas por estruturas racistas, sociais e políticas que privilegiam os povos brancos.

Por muito tempo foi consenso entre as elites brasileiras, que o Brasil teria resistido aos problemas raciais, partindo da premissa de que no Brasil teria havido uma escravidão branda e harmoniosa entre senhores e escravos. Usando o comparativo com os Estados Unidos, concluindo que no Brasil os escravizados teriam um tratamento “melhor”.

Cardoso, em tom crítico, nos referênciava Freyre “o quase embuste do mito da democracia racial, a ausência de conflitos entre classes, ou mesmo a ideologia da cultura brasileira ‘baseada na plasticidade e no hibridismo inato que teríamos herdado dos ibéricos’” (FREYRE, 2003, p.25).

Aceitar o hibridismo como acontecimento harmonioso como fato democrático das relações sociais e raciais do Brasil seria encobrir todos os problemas que o racismo origina negar que existiram conflitos, negar que existiu violência.

Em contraponto sobre democracia social Abdias Nascimento (2009), nos explica que:

Esta realidade social é diametralmente oposta ao mito prevalente que promove o desenvolvimento social do Brasil como um processo fácil de integração. Os homens portugueses, de acordo com este mito, não tinham preconceito de raça, ao contrário, sua falta de preconceito lhes permitiu manter uma interação sexual sadia com a mulher negra. Entretanto, um velho dito deste país, tão popular hoje como há um século atrás, desmente este mito, denunciando-o como uma falsa concepção estabelecida pela classe dominante. (GELEDÉS, 2009, n.p).

Entre a senzala e a casa grande dificilmente o negro conseguiria se igualar ao homem branco, sempre precisando atender a submissão no qual lhe era estabelecida.

Embora Gilberto Freyre, em Casa-Grande & Senzala, não faça uso do termo democracia racial, esse se populariza com suas teorias abrindo caminho para outros pensadores teorizarem o conceito. Freyre traz esse termo a partir

de produções conceituando uma miscigenação racial como uma espécie de relação harmônica entre negros escravizados e brancos.

Sobre os efeitos da Democracia racial podemos pensar como nossa história é costumeiramente apresentada com pacífica, à imposição da ideia de democracia racial apaga o processo violento de escravização e naturaliza o mesmo. É tanto que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão formalmente. Deixando profundas marcas na sociedade brasileira. Para compreender tais fatos é preciso compreender como foi esse processo de construção social da escravização marcado por abusos e torturas.

Deste modo, esse artigo aborda alguns aspectos da obra de Gilberto Freyre, buscando entender como se constrói uma cultura abusiva escravocrata, essa pesquisa tem por base de sua reflexão o processo de racialização dos corpos, assim como buscaremos enegrecer os olhares lançados para as práticas e valores sexuais que envolvem os povos negros no processo de escravização no Brasil, ainda tão vividos na sociedade brasileira atualmente. Entender alguns pontos da História, como alguns aspectos das relações interpessoais num campo afetivo e abusivo marcadamente desigual.

Buscamos aqui enegrecer olhar para a obra de Gilberto Freyre, e conseqüentemente para as ideias que vão embasar a teoria da democracia racial no Brasil. Em casa grande e Senzala iremos observar como Freyre discorre sobre as negritudes, sobre seus corpos e costumes de forma a criar uma discursividade capaz de abrandar os processos de terror e exploração vividos por esses homens, mulheres e crianças em nome de um bem estar social “brasileiro”.

2 A viagem

Para Gilberto Freyre, (2003) tenta trazer a miscigenação de forma benéfica visando uma confraternização europeia diante de raças chamadas de inferiores.

O colonizador português no Brasil foi um escravocrata terrível que só faltou transportar da África para a América, em navios imundos”, “a população inteira de negros. Por outro lado, o português foi o colonizador europeu que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel na relação com os escravos. (FREYRE, 2003, p. 265).

Partindo de uma visão positiva de miscigenação e de equilíbrio, referenciando mais uma vez a visão de um Brasil onde as raças vivem de forma harmônica, ressaltando um estereótipo aos negros escravizados. Partindo de uma visão dúbia, mais ainda assim muito positiva da colonização ressaltando o papel da miscigenação e de equilíbrio, referenciando mais uma vez a visão de um Brasil onde as raças vivem de forma harmônica negando assim todo e qualquer ato de crueldade deferido contra os sujeitos escravizados.

Nunes (2006) A partir de meados do século XVI e, oficialmente, até 1850¹. Nesse período, a relação com os escravizados era de menosprezo, pois eles são vistos como “peça”, tratados como coisa que tem um proprietário: é alugado, vendido, comprado, entra na contabilidade das fazendas ao lado das cabeças de gado, das ferramentas e outros bens materiais.

Os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviverão processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica. A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. Por isso nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil à África. (Albuquerque, 2006, p. 39).

No Brasil, os portugueses puderam exercer as explorações sobre os colonizados, primeiro com os nativos e depois com negros provindos da África. Foram 4 milhões de vidas envolvidas no processo de escravização, vidas que tiveram seus rumos alterados, que foram mão de obra para construir as riquezas portuguesas em solo futuramente conhecido como Brasil.

¹ Data da lei que aboliu o tráfico de escravos negros- chegaram ao Brasil milhões de pessoas vindas de diferentes partes do continente africano.

Antes de qualquer lei de proibição do comércio de escravos, a situação dos negros era de mercadorias semelhantes a qualquer outra. Assim, os escravizados eram transportados em porões dos navios onde permaneciam presos em viagens que duravam meses, até a chegada ao destino.

Albuquerque (2006) nos conta que “O escravo apresado no interior africano era obrigado a percorrer longas distâncias até alcançar os portos de embarque no litoral”. Muitos deles não resistiam à longa caminhada, em decorrência das doenças e aos maus tratos. Nos portos eram abrigados em barracões ou em cercados. Onde permaneciam vários dias e até meses à espera que as cargas humanas dos navios fossem completadas por cativos, e assim partissem para um mundo completamente desconhecido.

A espera rendia altos números de mortes, pois os cativos eram alojados em construções muitas vezes precárias, sem higiene e mal ventiladas. Os encarregados pelo tráfico sabiam que os cativos não deviam permanecer durante muito tempo nos portos de embarque. Além das perdas por doenças, temiam que a concentração de escravos nos barracões facilitasse as revoltas.

Segundo Albuquerque (2006) quando se chegava a um determinado número de escravos a serem transportados, os africanos eram conduzidos aos navios negreiros, também chamados de tumbeiros. Assim antes de embarcar, eram marcados a ferro quente no peito ou nas costas com os sinais que identificavam, uma vez que em cada barco viajavam escravizados pertencentes a diversos donos.

Nesse contexto, o ato de marcar o corpo já tinha simbolismo entre grupos africanos, acreditava-se que as primeiras marcas corporais teriam surgido de formas acidentais na vida cotidiana dos povos primitivos. As marcas corporais representavam um elo entre os povos africanos e o sagrado, mesmo sendo um processo naturalizado, havia distinções entre as marcas, podendo significar um símbolo de conquistas, baseando-se na crença do orgulho, ou seja, que seriam sempre lembrados através das marcas. No entanto, as marcas funcionavam também como punição, vergonha se fosse cometido algum ato a moralmente não aceito. Sabemos que essas marcas não tinha o

interesse comercial como é visto no processo de escravização dos povos africanos.

De acordo com Freyre (2003, p. 91) nas viagens coloniais observou-se a prática da presença de um frade a bordo de cada navio que chegasse a porto brasileiro, a fim de examinar a consciência, a fé, a religião “do adventício”, no caso o povo africano.

Gilberto Freyre não se preocupou em buscar se aprofundar nas viagens e nem nos números de escravizados trazidos para o Brasil. Contudo, é oportuno tratar esse e alguns outros temas sobre os povos escravizados pois o tráfico de pessoas foi basilar para o bom funcionamento do sistema colonial.

Freyre ao falar da saúde física e “religiosa” nos conta que o que “dificultava o imigrante era a heterodoxia; a mancha de herege na alma não a mongólica no corpo”. Ao nomear os escravizados como imigrantes, Freyre minimiza o peso da escravidão, todo processo que vimos sobre o tráfico humano.

Gomes descreve:

Depois do embarque, era também considerada perigosa a fase inicial da viagem. Com sua terra ainda à vista, havia o risco de os escravos se rebelarem e tomarem conta do navio. O número de suicídios nessa fase era proporcionalmente mais alto. Por essa razão, os cativos eram trancafiados e acorrentados nos porões enquanto o navio não atingisse o alto-mar, poderia demorar vários dias. (Gomes, 2019, p.209)

Ainda de acordo com Gomes (2019) os cativos provindos do continente africano poderiam morrer de diversas doenças como disenteria, febre amarela, varíola e escorbuto. Ainda poderia desenvolver outras doenças e até de suicídio, o escravo que tomados pelo desespero, aproveitavam-se de um descuido dos tripulantes, e jogavam-se ao mar. por esse motivo, os navios negreiros comumente eram equipados com uma espécie de redes estendidas ao redor deque, para prevenir esses atos. Gomes ainda nos diz que os relatos afirmam que os escravizados poderiam morrer ainda, de banzo, nome vinculado pelos africanos para o acometimento de depressão muito frequente

entre os cativos. De acordo com eles o acometido por banzo parava de comer, perdia o brilho no olhar e assumia uma postura inativa enquanto suas forças vitais se esvaíam no prazo de poucos dias.

O banzo é um ressentimento estranhado por qualquer princípio, como a saudade dos seus ou de sua pátria”, descreveu, no final do século XVIII, Luís Antônio de Oliveira Mendes, advogado português nascido na Bahia. “É uma paixão da alma a que se entregam que só é extinta com a morte. (Gomes,2019, p.36,7)

O banzo não é desânimo, quem sabe seja como as canções, os relatos. Não necessariamente o fim de suas vidas, mas a mudança de e uma circunstância daqueles que foram transportados para terras distantes. Essas mudanças podem ser exemplificadas na canção “Era rei e sou escravo”.

Era rei e sou escravo

Era livre e sou mandado!

Onde a minha terra firme, África dos meus amores.

Onde a minha casa branca, minha mulher e meus filhos.

Me trouxeram para longe, amarrado na madeira, me bateram com chicote, me xingaram, me feriram.

Era rei e sou escravo, era livre e sou mandado.

Mas por mais que me naveguem, me levando pelos mares, mas por mais que me maltratem, carne aberta pela faca,

A memória vem e salva, a memória vem e guarda,

Guarda o cheiro da minha terra, a música do meu povo, a certeza de hoje e sempre que ninguém vais nos tirar. a onde estiver o porto,

Por mais que eu sofra e grite,

Sou mandado serei livre, sou escravo serei rei.

Milton Nascimento

No *dicio*, dicionário on-line de português o banzo ganha o seguinte significado: “Processo psicológico pelo qual passavam os negros africanos escravizados que, em razão de serem levados para terras longínquas, ficavam

num estado profundo de nostalgia, loucura, podendo levar à loucura ou à morte”.

Freyre nos diz “O banzo deu cabo de muitos” e afirma que “Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se. Doenças africanas seguiram-nos até o Brasil, devastando-os nas senzalas.”, para além da leitura patológica de Freyre, entendemos o banzo como a saudade de África.

No entanto, podemos pensar o banzo como resistência ao sistema escravista, como uma declaração do descontentamento com a situação imposta. É válido lembrar que o descaso com o trabalho, o corpo mole, são frutos dos relatos feitos em uma ótica daqueles que colocaram os negros e negras em situação de exploração.

Davi Nunes em sua publicação no portal eletrônico GELEDÉS, diz que o banzo é “Um exemplo nítido disso é a loucura, enlouquecer na escravização minava a ordem, o louco era fogo ensandecido mesmo que fosse para a morte”.

O banzo também deve ser lido pela ótica religiosa, em África, nas muitas Áfricas, a terra/ o solo tem um significado muito forte, cada sujeito tem uma conexão divina com o espaço físico em que nasceu o fato de serem retirados desses solos sagrados, é motivo para o banzo, para o suicídio, pois acredita-se que as reconexões com sua ancestralidade estará em perigo.

Já na chegada, com aos rigores da travessia, os africanos chegavam variavelmente magros e debilitados, com feridas e sarna. As crianças apresentavam barrigas inchadas em decorrência de vermes e da desnutrição. Apresentando em alguns casos a epidemia de oftalmia, uma inflamação dos olhos, que se espalhavam a bordo, era comum o vendedor puxarem por cordas grandes filas de escravos quase ou inteiramente cegos, amarrados e tropeçando uns nos outros até os armazéns.

Albuquerque e Filho (2006) relata que no Valongo (local de venda) permaneciam por vários dias ou semanas recuperando-se da viagem e à espera de comprador. Muitos não resistiam e morriam nesse período em decorrência da espera. Era alta a taxa de mortalidade nos primeiros meses que se seguiam ao desembarque, isso devido que os africanos chegavam bastante debilitados e não possuíam defesas para muitas moléstias existentes no novo mundo. A mortalidade era tão alta no que um cemitério foi ali perto construído para sepultamento de africanos.

Já na fase final, os escravizados eram preparados para venda, sendo banhados e limpos a maneira de impressionar os compradores era que eles fossem apresentados limpos e com aparência saudável, em casos se o escravizado aparentava debilidade era aumentado a sua alimentação passando por um processo de reabilitação.

No entanto, Freyre nos diz que nas avaliações feitas no Valongo existia a seguinte preferência “pelos negros e negras altas e de formas atraentes “bonitas de cara e de corpo” e “com todos os dentes da frente” FREYRE (2003). Era importante observar os dentes, pois esses eram sinal de boa saúde. Gomes (2019) ainda que diz era feita uma observação mais detalhada nas genitais, tanto dos homens quanto das mulheres, a procura de sinais de doenças essas como sífilis e gonorreia. A pele seria pressionada e examinada por diversas vezes, na tentativa de checar se não estaria pálida ou se não haveria feridas escondidas sob alguma substância cosmética, no intuito de encontrar alguma enfermidade.

Em resumo os que chegavam vivos aos portos brasileiros eram levados ao mercado, eram tratados de possíveis doenças contraídas durante a estada nos navios. Utilizando de indumentárias o suficiente para cobrir-se, levados aos leilões, sendo homens e mulheres colocados completamente nus para serem avaliados fisicamente pelos possíveis compradores. Começava uma nova etapa de trabalho forçado.

3 Os corpos negros

“(...) uma raça não se transporta de um continente a outro; seria preciso que se transportasse com ela o meio físico.” Gilberto Freyre.

Em Casa-Grande & Senzala o corpo aparece em função de caráter biológico, sendo afetada pela crença, cultura, e outras intervenções sociais, a cor determinava sua integridade, sendo associado a partir da aparência física seu teor moral e intelectual.

Os atos de resistência, as tentativas de relutar contra o regime configurando como indivíduo, sendo reconhecido e representado por Freyre, como propagador de excessos. Levando o escravizado a ter restrições contrariando suas vontades. Sua nova existência de seu dono. Essa nova identidade era estruturada nos rituais que em geral acompanhava os processos de escravização, como marcas feitas a ferro quente no corpo do cativo, o uso de colares e pulseiras metálicas, grilhões, que indicavam quem eram seus donos, o batismo em uma nova religião, o aprendizado de uma nova língua e de uma nova maneira de se vestir e se comportar e, por fim, a atribuição de um novo nome, um nome cristão.

O escravizado sendo retirado da sua terra, de sua cultura, suas crenças seus valores e laços familiares, o resultado é a mudança forçada de sua identidade e a construção de outro enquanto sujeito escravizado.

Parcialmente, mascarado pelo mito da democracia racial, marcado pelos estereótipos sobre o corpo negro, tornando-se um símbolo étnico, transformando-se em base da construção da identidade. O corpo como domínio de resistências.

Visto o corpo como uma realidade social, concepção de uma construção histórica racial, o corpo por sujeitos depositos de direitos e por vezes da sua própria “humanidade”. Os abusos sofridos e relatados em obras retratando nos faz refletir sobre as relações de poder, onde, os escravizados eram objetivados.

Vejamos como Freyre relata esse processo de objetificação dos corpos:

Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão do domínio colonial e na eficácia da ação colonizadora (FREYRE, 2003, p. 103).

De acordo com Freyre, o colonizador desenvolveu logo que aqui desembarcou um gosto pelas mulheres não europeias, mulheres pretas, indígenas, cujos atributos estéticos atendiam aos seus mais diferentes desejos, até mesmo os interesses econômicos provocando o aumento de “crias”.

Freyre (2003) na tentativa de justificar e naturalizar o tráfico de mulheres negras afirma que: Com a escassez de mulheres brancas, o tráfico de mulheres negras se deu com uma nova grande necessidade: trazer para a colônia ventres geradores de uma maior quantidade de mão de obra, contando-se com a ação multiplicadora da poligamia e da miscigenação. Essa abordagem de Freyre deixa a entender que as relações sexuais seriam confraternizadas e que havia um comum acordo entre negros e brancos, como se fizessem parte para a serem complementados. Essa impressão de que as negras eram passivas aos abusos de seus senhores, e muitas vezes fazendo parecer que gostavam das violências sofridas.

Desse encontro sexual, nem sempre consensual, nasce à mulata. Foi assim que a mulata apareceu nos escritos de Freyre como predileta para aplacar os prazeres do corpo do macho-branco, uma vez que a mulata era fruto do processo de embranquecimento da raça. A construção social da mulata como genuína marca da mulher brasileira, sensual, voluptuosa teve no conjunto dos trabalhos de Freyre o seu maior defensor.

Freyre (2003) nos conta que as condições sociais do desenvolvimento do menino nos antigos engenhos de açúcar tráz a uma explicação para as preferências, como se os locais facilitassem o sadismo nas plantações “menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil”. Como também relata que essas “predileções”:

Homens brancos que só gozam com negra. De rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossível aos

pais promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. Só queria saber de molecas. Outro caso referiu-nos Raoul Dunlop de um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor impregnada de budum. Da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação. Mórbidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro. (FREYRE, 2003, P.368).

Mais uma vez Freyre (2003) tenta reforçar uma passividade negra endossada ao falar que “Sem deixarem de ser relações as dos brancos com as mulheres de cor de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas”. E mais uma vez vemos o argumento de “misturas de raças”, que supostamente vivem de forma harmoniosa, mas o que é possível ler aqui é uma demonstração da subordinação imposta pelos senhores a seus subordinados.

Freyre nos apresenta a imagem criada e defendida pelos viajantes no período colonial, a respeito dos nativos brasileiros sobressaía uma visão sexualmente indisciplinada, não achava equivalência entre a moral sexual das populações indígenas, e a cristã europeia, no entanto, essa mesma imagem pode nos falar sobre esse europeu, vejamos.

A luxúria dos indivíduos, soltos sem família, no meio da índia nua, vinha servir a poderosas razões de Estado no sentido de rápido povoamento mestiço da nova terra. E o certo é que sobre a mulher gentia fundou-se e desenvolveu-se através dos séculos XVI e XVII o grosso da sociedade colonial, num largo e profundo mestiçamento, que a interferência dos padres da Companhia salvou de resolver-se todo em libertinagem para em grande parte regularizar-se em casamento cristão (FREYRE, 2003, p.164).

Freyre também ressalta sobre a sexualidade dos europeus, que esses estavam submetidos a um conjunto de normas que controlavam e prescreviam a liberação acerca de sua atividade sexual. Como explica Thiago Barcelos Soliva (2012) esse tipo de imagens não satisfazia a realidade das populações negras, cuja sexualidade, não se rendia aos excessos, já que se compunha de uma moral sexual em sua amplitude de prescrições rituais que antecipavam a junção sexual.

Como indica Freyre: Passa por ser “defeito da raça africana”, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria e a depravação sexual. Vejamos:

É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. Enquanto que no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações [...] demonstrando a necessidade entre eles de excitação artificial (FREYRE, 2003, p. 412).

É necessário notar quais efeitos essas afirmações do desejo sexual provocam. Uma vez que dizer que o negro ou negra tem muito “apetite sexual” é uma forma de dizer que eles e elas podem ser explorados sexualmente.

Mais uma vez nos é apresentado o negro em sua existência e criação de inferioridade sendo visto como depravados e luxuriosos. Essa forma que Freyre retrata o negro em Casa-grande e senzala para explicar os abusos sexuais foi à impertinência, no plano de um discurso, de uma erotização acentuada e exagerada ao corpo negro, como se essa fosse uma característica biológica própria da raça. Assim, suas narrativas das sociedades escravocratas com o discurso acerca dos negros como hipersexualizado, sendo o componente depravador que rompe aos preceitos da sexualidade da família colonial.

Freyre (2003) faz certas críticas acerca da prostituição, que se relaciona com a dinâmica das relações raciais brasileiras, fortemente influenciadas por nossa tradição escravista. O corpo negro negociado como mercadoria, esse corpo expressa uma forma de consagrar o “outro” como objeto em uma sociedade onde o poder encontra-se em mãos brancas, certos momentos Freyre expressa-se as violências como prostituição “às vezes negrinhas de dez, doze anos já estavam na rua se oferecendo a marinheiros enormes, grangazás ruivos que desembarcavam dos veleiros ingleses e franceses, com uma fome doida de mulher.” (2003). Em outros momentos dociliza os atos acometidos com as escravizadas, “Mas o grosso da prostituição, formaram-no as negras, exploradas pelos brancos. Foram os corpos das negras – às vezes meninas de dez anos – que constituíram, na arquitetura moral do patriarcalismo brasileiro, (...)”. (FREYRE, 2003, p. 538)

Gilberto Freyre (2003, p.51) tráz a seguinte afirmação: “Não há escravidão sem depravação sexual”. E nos conta que as mulheres negras após a sua chegada ao Brasil eram reprimidas ao domínio dos brancos, sendo assistidas bem além de simples trabalhos domésticos. Apesar de o autor relatar essas mulheres como reprimidas, Mariana Bampi (2016) nos conta que: Essa repressão é contrária de um ponto de vista a orixá Oxum que se mostra contrário a de Eva e Maria, que seriam as principais figuras da representação feminina no cristianismo, a divindade africana cultuadas no candomblé, no batuque e na umbanda, nem sempre se mostra previsível, pura e obediente.

Segundo Mariana Bampi (2016) as personalidades dos orixás aceitam decisões tão múltiplas que não é possível definir um caráter exclusivo para cada uma delas como, nos é relatado, a virgem Maria com personalidade servil e imaculada, e como a de Eva relatado em textos bíblicos como a mulher ingrata. Por outro lado, as divindades femininas africanas foram retratadas de forma mais humana, com virtudes e defeitos sempre representada como a heroína correta e a vilã cheia de vícios, capazes de qualquer artifício para satisfazer seus desejos, até mesmo os desejos sexuais.

Partindo da visão do Brasil como uma sociedade colonial conservadora e escravagista, o senhoril branco fazia com o negro que bem lhe era pertinente, os negros eram considerados seu patrimônio em especial as mulheres negras. Os escravos eram objeto de suas luxúrias e esses faziam delas o que desejavam, sem nenhuma impunidade. O corpo negro deveria servir aos prazeres do branco colonizador.

Freyre (2003) também nos faz referências a amas de leite que teve seu papel fundamental na criação do estereótipo protetor, Freyre em seu discurso passa uma impressão que essas mulheres teriam privilegiados o lado devoção simbolizando um efeito benéfico, “as histórias portuguesas sofreram no Brasil consideráveis modificações na boca das negras ou amas-de-leite. Foram as negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de história.” (FREYRE, 2003)

Para entender esse carácter das amas voltamos a cultura do povo negro carrega consigo junto a necessidade de sobrevivência, as explicações adotadas no processo de transformação da natureza em cultura. Essa transição toma um carácter religioso sagrado entre natureza e o sobrenatural, essas elucidações para os africanos teriam sentido para justificar tais fatos. Como nos explica Guaraci M. Santos (2020): Nos cultos provindos dos povos escravizados, a imagem da Grande Mãe é perpetuada a partir dos orixás femininos, as Iyabás, que tem a representação nos elementos necessários originários ao alimento da vida, Nanã, Yemanjá, Oxum e Iansã, a partir do elemento água, é o início da vida, a umidade na fecundação e o líquido amniótico, o aleitamento, o cuidado e a doação materna, a mãe que luta na busca pelo sustento da família, seriam esses os papéis das grandes mães.

Para Freyre (2003) o papel das amas de leite, Numa época, cuja passagem deste ato que envolve carinho, delicadeza e afeto, sendo atribuída à impossibilidade física das mães que casavam muito jovens, muitas eram incapazes de amamentar, pois os partos aconteciam um atrás do outro que ia enfraquecendo, durante a amamentação as mães- pretas vão criando vínculo afetivos pelos filhos dos senhores, para Schwarcz e Gomes (2018), esses fatores foram trazidos para as Américas como padrões de criação de filhos de senhores nobres das classes europeias, que tinha o hábito de empregar mulheres empobrecidas como amas de leite, as mulheres brancas das elites tutelavam o aleitamento de seus bebês as suas cativas, que era uma prática comum a todas as sociedades escravistas do Atlântico. Nesse processo vemos a crença na fragilidade das mães brancas e de seu leite, considerado fraco em oposição ao mito da robustez e da abundância de leite entre as mulheres negras e africanas (SCHWARCZ e GOMES, 2018 p. 102).

A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes substituir-lhe a própria mãe - é natural que fosse escolhida entre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre as menos boçais e as mais ladinas (Freyre, 2003, p.435).

Essas mesmas mulheres escravizadas incorporadas em amas de leite que nos choca em nosso imaginário de maneira única, foram essas que foram encarregadas de alimentar, cuidar, repassar afeto e servir aos seus senhores. A maternidade forçada deixando seus consanguíneos com fome enquanto alimentava o outro no traz a reflexão da desumanidade e exploração dos corpos dessas mulheres.

Sobre a escolha dessas amas Freyre nos diz "... é natural que fosse escolhida entre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre as menos boçais e as mais ladinhas", logo o autor acredita ser "natural" e preferível o processo de braqueamento. Os escravos "boçais", ou seja, aqueles que não foram cristianizados e nem falavam português, deveriam ser evitados no seio familiar, sendo preferíveis os "ladinos", que já tinha passado pelo processo do batismo cristão, onde também lhe era ensinando alguns elementos do idioma. No fim corpos "bonitos de corpo, principalmente as mulheres" (FREYRE, 2003). Daí sai as preferências (...).

De acordo com Freyre, as crianças brancas recebiam várias influências negativas desta troca de leite materno, mas também receberam carinhos;

Os germes de doenças, recebeu-os muitas vezes; e outras os transmitiu; mas recebeu também nos afagos da mucama a revelação de uma bondade porventura maior que a dos brancos; de uma ternura como não a conhecem igual os europeus; o contágio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros. (Freyre, 2003, p. 355).

Vemos acima como Freyre em sua leitura biologizante acreditava que o leite materno influenciava culturalmente na educação dessas crianças, logo entendemos o porquê o autor acha natural a escolha de mulheres escravizadas cristianizadas para o convívio dentro das casas.

Sendo emblemáticas na formação da sociedade colonial enquanto negras subordinadas a serem amas de leite depois que lhe eram retirados os filhos. Os bebês escravos eram proibidos da amamentação sendo privadas de

sua alimentação e eram entregues aos cuidados de escravas mais velhas ou de outras crianças cativas um pouco maiores.

As negras não deixando também de cuidar da casa, além de prestar serviços, e muitas vezes ainda eram submetidas às condições de violência sexual. Os abusos sexuais não eram só direcionados as mulheres negras, é de conhecimento que, apesar das requisições e da dificuldade em se aventurar em prazeres carnavais, por vezes as oportunas donas das casas grandes, também mantinham relacionamentos sexuais com negros escravos.

Freyre (2003) nos deixa a entender que negros eram submetidos a diversos tipos de perversões relacionarem-se com seus senhores e grandes proprietários, ou até mesmo com os filhos jovens destes, as mulheres escravizadas geravam filhos bastardos que serviriam como reforço nos serviços no período colonial brasileiro.

O processo de objetificação do corpo negro, sem dúvida foi o alvo de maior manutenção de status social existente no Brasil. A coisificação do corpo da mulher negra dá gancho para a animalização, opressão e desvalorização do escravizado.

4 Bestialidade dos corpos negros

Podemos dizer que essa visão de animalização dos corpos de homens e mulheres escravizados no período da colonização, nasce de uma necessidade de um escravismo mercantilista. Que aboliu arrebatando processos de lembranças de suas identidades, humanidade e sexualidades.

Os escravos eram aqui mantidos como propriedade, tratados e comercializados como animais, sem direito algum, sendo explorados, justificados, mortos sem a preocupação ou intervenção de ninguém. Os negros eram tratados como qualquer outro semovente sofrendo toda a sorte de ações que sofreria qualquer animal: eram trocados, castigados, vendidos, estuprados, mortos, sem a preocupação de serem ou não vidas humanas, seres dignos de direitos. (MOURA, 1989).

Moura (1989) descreve: que muitas das vezes os escravos tinham seu castigo na própria fazenda pelo seu senhor, chegando a alguns casos os escravizados ser enterrados vivos, em outras oportunidades jogados em caldeirões de água ou azeite fervendo, existia uma infinidade de castigos corporais que dialogavam com o tipo de infração que o sujeito tinha cometido.

Em sua obra (Nordeste) Freyre (2013) afirma: que o boi comparava – se ao negro escravizado cujo serviram de alicerces vivos da civilização brasileira do açúcar. Apesar de citar a resistência negra ainda trata o negro associado a uma mansidão. É fácil notar que Freyre transfere para o animal estereótipos físicos humanos que se combinam na compreensão da servidão vinculada aos atributos de força, ou seja, de condições de adequação às necessidades do homem branco, bem como os elogio feito ao boi são os mesmos feitos aos escravizados.

Daniel Santos explicita que o período colonial foi marcado por uma intensa e constante atribuição de características zoomórficas ao corpo do homem negro a ponto de que “suas utilizações estariam limitadas ao trabalho forçado e a procriação animal, tal qual o boi, ser irracional, comparado quase sem nenhuma distinção significativa ao homem negro” (SANTOS, 2014, p.17).

Como já visto anteriormente que a ideia de corpo como uma realidade social, concepção de uma construção histórica racial, os negros são apresentados como sujeitos depositos de direitos e por vezes da sua própria “humanidade”. Os abusos sofrido e relatado em obras sobre o processo de escravização nos faz refletir sobre o tratamento de poder, onde, os escravizados eram objetivados.

Apesar da constante desumanização, Santos (2014) também distingue a presença dos sentidos de desejo despertados pelo corpo negro já no período colonial brasileiro, afirmando, a exaltação do corpo negro ia além das questões funcionais de trabalho, isto é, ambição por escravizados “bem nutridos e fortes”. Afirmando que as características corporais (músculos, robustez, força, pele, altura, etc.) da ampla diversidade de africanos presentes na América do Sul contribuíram também para a erotização dos corpos negros.

Mais uma vez Freyre (2013) nos traz uma reflexão sobre a estrutura colonial escravista, afirmando que o negro era uma espécie de boi, e sem sua utilização o processo de colonização do Brasil não obteria grandes êxitos, uma vez que sem esses sujeitos escravizados quem realizaria o trabalho nas plantações? na cidades? quem alimentaria seus filhos?

Santos(2014) nos referênciam certos estereótipos dos negros criados pelos colonizadores europeus nos levam a constatar alguns subsídios presentes no mito sexual do negro “bom de cama”: o escravismo colonial rebaixou e inferiorizou o homem negro a uma anatomia e corporeidade zoomórfica, nas quais suas utilizações estariam limitadas ao trabalho forçado e à procriação animal, tal qual o boi, ser irracional, comparado quase sem nenhuma distinção significativa ao homem negro.

Como já dito a coisificação do homem negro por meio do tráfico humano, que o transfigurou em um objeto de mercadoria, em um pressuposto animalesco negro que foram adaptadas e submetidas às dinâmicas de compra e venda de escravos. Freyre (2003) constata que a escravidão tirou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. “Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outra conduta senão o imoral, de que tanto o acusam”. Com essa declaração Freyre nos traz estranhamento, sem se contrapor a cultura que os africanos carregavam, sem citar que ali estava diante de diversos povos, logo de diversas formas de reagir aos acontecimentos.

Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. (Freyre, 2003, p.371.)

Na ótica de Freyre o negro escravizado além de tornar-se um elemento objetificado com qualidades animais, também se transformou um protagonista incitador que provocava a luxúria no colonizador. Essas características contribuíram para manter o escravo silenciado nos mais diversos aspectos. Quando dito, era dito por outros e jamais por ele. Constantemente animalizado, não era legitimado para questionar ou reivindicar

em qualquer espaço da sociedade, pois não era considerado humano o suficiente para isso.

Segundo Freyre ao escravo negro se obrigou aos trabalhos mais imundos na higiene doméstica e pública dos tempos coloniais. Um deles, o de carregar à cabeça, das casas urbanas para as praias, os barris de excremento vulgarmente conhecidos por tigres. Barris que nas casas-grandes das cidades ficavam longos dias dentro de casa, debaixo da escada ou em outro recanto acumulando matéria. Quando o negro os levava é que já não comportavam mais nada. Iam estourando, derramando de tão cheios e de podres. Nesse processo os corpos entravam em contato com os dejetos, que por vezes causavam doenças de pele, os deixando com a pele listrada. Como afirma Gomes (2019) a pele negra ficava listrada, com alternância de faixas pretas e outras descoloridas pela ação química dos dejetos. Por isso, esses escravos eram chamados de tigres.

Alex Castro, fala que os tigres eram mais dignos. Temidos, até o próprio nome impunha respeito. Eram escravos fortes, que carregavam nos ombros os dejetos de suas casas. Não passavam o dia lidando com os excrementos dos outros. Despejavam tudo na lagoa mais próxima e já voltavam para cuidar de outras atividades. E aqui vemos mais uma vez o negro sendo comparado ao animal selvagem e tendo exaltado sua força física em detrimento de sua capacidade cognitiva.

5 Metáforas negras

O período colonial sempre foi marcado pelo imaginário dos negros ligado ao negativo. Que consistir em menosprezar a identidade negra. Os princípios de duplicidade em torno do negro tinham o maior sentido para os escravistas brasileiros no qual as mesmas escravas que em determinado momento era vista como um “animal”, por outro lado poderia ser a responsável pelos prazeres dos seus senhores.

O historiador David Brion Davis destaca outras motivações, mais profundas e de natureza estética e psicológica, para o racismo contra os negros africanos durante o regime escravagista. É a conotação negativa sempre atribuída à cor preta em diversas culturas, usada como indicativo de infortúnio, tristeza, maldade e impureza. (Gomes, 2019, p.60)

O status social, o gênero, pouco importavam era a classificação pela cor, cabelo, constituição física para decidir qual o adjetivo ou expressão mais adequada para referir-se ao indivíduo. Apesar de sabermos que os traficados, não vinham de uma mesma região do continente africano e nem tinham a mesma cultura, ainda assim eram vistos todos como negros associados ao preto.

Gomes (2019) acrescenta: Na tradição judaico-cristã, a cor Branca estaria sempre associada à inocência, a pureza e a santidade, enquanto. A cor escura (tecnicamente, a ausência de cor) era sinônimo de pecado, Perversão e morte. Os textos bíblicos se referem repetidas vezes a uma permanente luta entre os “filhos da luz” e os “filhos da escuridão”. Criando assim uma estima e uma cultura que deprecia o preto, logo a raça negra.

De acordo com Santos, G. (2002) segundo Cohen (1980), os europeus enxergavam o preto como marca do mal e da depravação humana e não podiam entender que houvesse povos portadores de uma cor que era motivo de grande inquietação. Não era sem fundamento que muitos se propunham a investigar e compreender a origem e o porquê dos negros terem a pele escura. Argumentos de ordem teológica se perfilavam a argumentos pseudocientíficos e filosóficos. Esses mesmos se questionavam se: “Os negros teriam a pele escura devido à forte influência do sol nas regiões habitadas por eles?” “Seriam tão escuros por sua descendência de Caim que, como castigo, teve sua face enegrecida por Deus após matar Abel? Ou pela maldição de Noé sobre Cam do qual todos os negros descenderiam?” “Seriam negros por causa da água e dos alimentos que os nutriam, encontrado somente na África?”.

Segundo Filho, E (2016):

O africano era tido como a essência do próprio demônio, crença fundamentada em mitos cristãos como o da “Maldição de Cam” para

os negros como dizia o Padre Antônio Vieira em seus Sermões (XI e XXVII) “a África é o inferno onde Deus se digna de retirar os condenados para, pelo purgatório da escravidão nas Américas, finalmente alcançarem o paraíso” dizendo ainda que “é melhor ser escravo no Brasil e salvar sua alma do que viver livre na África e perde-la” (FILHO apud PASSOS, 2014).

Santos (2014) explica: As culturas africanas e suas manifestações na diáspora negra, marcadas profundamente pelas utilizações do corpo, acabaram sendo demonizadas pela Igreja Católica e julgadas como práticas pecaminosas, fetichistas, bárbaras e selvagens. O posicionamento dos clérigos em relação aos povos africanos e afro-brasileiros respaldou a visão euro e etnocêntrica que “justificou” a prática da escravização africana, utilizando discursos como o mito da maldição de Cã. A celebração da fertilidade e a concepção de sexo das populações africanas acabaram sendo interpretadas de forma demasiadamente equivocada pelos clérigos contrarreformistas que propuseram a catequização e aculturação de africanos e afro-brasileiros para civilizá-los, e a submissão destes ao trabalho forçado compulsório para exorcizá-los de seus “pecados” e “práticas demoníacas”.

De acordo com Freyre a ritualística fazia parte:

Nem era entre eles a religião o mesmo duro e rígido sistema que entre os povos do Norte reformado e da própria Castela dramaticamente católica, mas uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico, com muitas reminiscências fálicas e animistas das religiões pagas (FREYRE, 2003, p.84).

A forma como Freyre aborda a religiosidade como manifestação de cultura, como o resultado da miscigenação cultural entre negros, indígenas e europeus, a herança religiosa portuguesa, daria origem ao catolicismo brasileiro, que por sua vez não teria “pureza”. O catolicismo brasileiro formou-se como “uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico, com reminiscências fálicas e animistas das religiões pagãs.”, que podemos entender como o encontro desse catolicismo com as religiões afro-ameríndias.

Freyre ainda continua dizendo que os interesses de procriação abafaram não só os preconceitos morais como os escrúpulos católicos de ortodoxia; e ao

seu serviço vamos encontrar o cristianismo que, em Portugal, tantas vezes tomou característicos quase pagãos de culto fálico.

O a ação de trocas de culturas e valores presentes no colonialismo europeu contribuiu indubitavelmente para a formação do imaginário coletivo sobre a sexualidade do homem negro envolto de preconceitos e demonização. A esse exemplo podemos citar o culto fálico a Exu, cujo atributos fálicos e sua diversidade de funções representação pelas movimentações contínuas, bem como a fertilidade, procriação, sexualidade e a liberdade. O cristão influenciado pela igreja acaba relacionando Exu ao diabo.

Além de desempenhar certo controle aos afagos sexuais, a igreja concebeu um fantasioso imaginário para as relações sexuais, uma espécie de normas em que o marido e esposa deveriam indubitavelmente seguir para não serem classificados de pecadores.

“A visão de depravação era tida, pela igreja, em relação às negras escravas que eram as culpadas pelos males sexuais da sociedade, bem como a iniciação de meninos na sexualidade e a propagação de doenças. Isto fazia com que as mulheres brancas sofressem uma repressão ainda maior, pois a virtude da senhora branca apoiava-se em grande parte na prostituição da escrava negra. (FREYRE, 2013).

Um ponto extremo para entender essas colocações de Freyre, seria através da objetificação sexual das negras escravizadas, o sadismo explícito levado a um anseio violento. A exploração sexual valorizada por Freyre através da miscigenação racista não pode ser vista como determinação biológica.

Essa disponibilidade dos corpos feminismos negros em oposição aos corpos brancos, geraram muitas situações de abusos e estupros. Lilian Schwarcz (2018) traz o seguinte relato: A condenação ao costume senhorial do abuso e do estupro convive de maneira tensa com concepções racistas a respeito da moralidade da mulher mestiça, a lenda da sexualidade exagerada da mulata.

A descrição de Rita Baiana, em O cortiço, de Aluísio Azevedo, é antológica: a mulata, "que fora trocar o vestido por uma saia", ressurgira "de ombros e braços nus, para dançar"; ao luar, "os

meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher". Quanto à virtude da mulher escravizada que resistia ao assédio senhorial, parecia haver o pressuposto de que quanto mais clara a pele, maior a virtude. Alguém sugere a Daniel que furte Fantina e fuja; ela "era clara, bonita e bem-educada, por isso ninguém a tomaria por escrava fugida". A brancura da escrava Isaura, de moral inexpugnável, é tão caricatural que chega a cor-de-rosa: "A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada". (SCHWARCZ, 2018, p. 319).

Mais uma questão de estereótipo muito discutido, Rita Baiana é citada como sensual, como objeto de desejo, em uma visão de mulheres fogosas, imaginário criado com características a nível sexual, sem deixar de ter uma conotação de inferioridade, sem deixar de ter o controle seu corpo como forma de manter o poder.

Freyre tenta nos passar a visão do embranquecimento no memento que fala no "mito" das três raças. "Todo brasileiro, mesmo o alvo de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo - há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil - a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro." (FREYRE, 2003, p.367). Com seu mito da democracia racial Freyre nos propõem que a aceitação da cor do escravo era algo não relevante, uma vez que todos os brancos trazem na "alma ou no corpo" por herança, negros e indígenas. Remontando assim um contexto em que não há diferenças raciais e sociais no Brasil, logo não há racismo.

Considerações finais

Publicado em 1933, o livro Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, pode ser considerarmos um clássico que faz menção a sociedade brasileira

considerando a contribuição cultural do negro, do índio e o português no processo de formação brasileira. O livro exalta a ideia da mestiçagem harmoniosa. Para Freyre vivemos em um Brasil, resultado da mistura entre as “raças” branca, negra e nativa.

A representação dos negros, a sua historicidade e a atualidade de certos estereótipos nos faz refletir e dar vazão a uma análise resgatando a contribuição da dessas imagens que se dá pela criação de uma série de adjetivos sobre determinado grupo em especial, promovendo representações negativas que objetificam o corpo negro e desumanizam esses sujeitos, o que justificaria, assim, um cruzamento entre racismo, a sexualização, e a imagem destorcida baseadas em mitos.

É inegável que Freyre traz para sua narrativa a compreensão das diversas condições de vida da população negra. A proporção do livro casa-grande & senzala, as suas mais variadas formas descritivas, para relacionar o senhor de escravos e sua família. A casa-grande enquanto lugar social que dá acesso a determinados privilégios que ainda é remanescente. E, assim, percebo que grupos dominantes, cujo interesse conserva seus privilégios, conscientes ou não, propagam e mantêm a imagens controladoras, por isso, essa construção estereotipada reproduzida no período colonial conservar-se, até os presentes dias, intocada.

Mesmo achando que ainda falta muito para uma explicação que venha nos dar a certeza de um melhoramento social, é esperado que este trabalho tivesse cumprido com a proposta, que seria: aceitar um pouco mais das contribuições de Gilberto Freyre para o discurso do corpo e seu lugar político social, quem vem atrelada às sexualidades brasileiras. Acreditamos que essa sexualidade composta por Freyre tenha permitido construir alguns equívocos míticos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BAMPI, Mariana. As oxuns do mundo real: a tradição das mulheres na Umbanda, **Nonada-jornalismo travessia**.12/07/2016. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2016/07/as-oxuns-do-mundo-real-a-tradicao-das-mulheres-na-umbanda>

BARCELOS SOLIVA, T. Uma cultura dos contatos: sexualidades e erotismo em duas obras de Gilberto Freyre. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 26 nov. 2012.

CAMPOS, Kátia Maria Nunes. **Mulheres coloniais: Esposas e concubinas numa sociedade escravista**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

CASTRO, Alex. Duas profissões esquecidas do Rio antigo, **pesquisa fapesp**. Mar de 2013. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/duas-profissoes-esquecidas-do-rio-antigo/>

FILHO, E. W. de Oliveira. O negro conceitual no Brasil moderno, **justificandos inquietas**.19/11/2015. Disponível em: <http://www.justificando.com/2015/11/19/o-negro-conceitual-no-brasil-moderno/>

GOMES, Laurentino. **Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo livros, 2019.

MOURA, Clóvis. **A história do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

NASCIMENTO, Abdias. **Democracia racial: mito ou realidade?**. 20/04/2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/democracia-racial-mito-ou-realidade/>

NUNES, Davi. **Banzo: Um estado de espírito negro**.30/04/2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espírito-negro/>

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: **formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. – São Paulo: Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. Nordeste: **aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste no Brasil**. 1°. ed. Digital. São Paulo: J. Olympio, 2013.

SANTOS, Daniel. **Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica**. Universitas Humanas, Brasília, v.11, n.1,p.7-20,jan./jun.2014.

SANTOS, G. Aparecida dos. **Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta**. Estud. afro-asiát. [online]. 2002, vol.24, n.2, pp.275-289. ISSN 1678-4650. <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200003>.

SANTOS, Guaraci M. O protagonismo feminino nos candomblés, **Domtotal**. 10/01/2020. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1413750/2020/01/o-protagonismo-feminino-nos-candombles/>

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, F. Dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos** —1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.